

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

MAIO 2017

€1.25

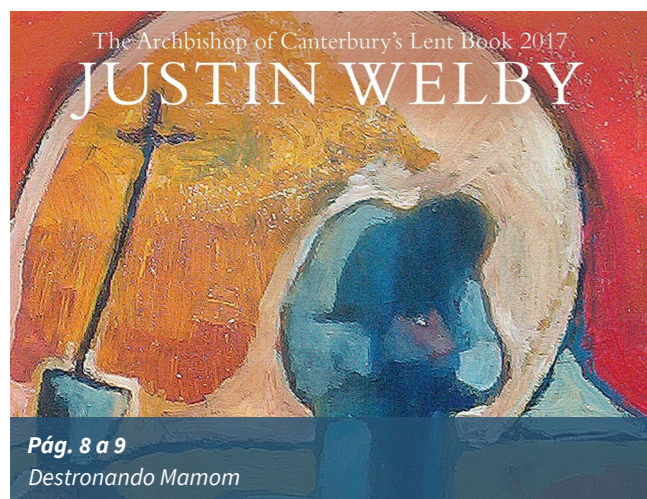
Nº 174

OUÇAM COM ATENÇÃO:

*SE UM GRÃO DE TRIGO LANÇADO
À TERRA NÃO MORRER, NÃO DÁ FRUTO.
MAS SE MORRER DÁ MUITO FRUTO.*

JOÃO 12,24

Destaque nesta edição



Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igreja-lusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Brígida Arbiol, Reverendo Fernando Santos, Aurora Melo, Helena Pina Cabral, D. Fernando da Luz Soares, Maria dos Anjos Moreno, José Manuel Santos **Fotografia:** © Gajus - 144595526 sob licença Shutterstock.com **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilite O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



O fruto após a necessária morte

D. Jorge Pina Cabral

São diversas as narrativas sobre as aparições de Jesus aos seus discípulos após a Sua ressurreição. Ocupam uma parte significativa dos Evangelhos e devem constituir para nós neste Tempo de Páscoa uma forte interpelação no seu significado e proposta de sentido que conferem à Ressurreição. No seu conjunto as narrativas das aparições de Jesus são tão significativas e importantes como são as da Sua paixão, morte e ressurreição. São diferentes tempos e vivências de uma mesma realidade que é a vida de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Umas não se compreendem sem as outras e iluminam-se mutuamente.

Aceitarmos as aparições de Jesus significa reconhecer a sua morte e as implicações desta na Sua vida. A morte de Jesus foi uma realidade que não pode nem deve ser anulada ou subestimada. A compreensão de Cristo ressuscitado e do novo tipo de relação que Ele mesmo nos oferece passa necessariamente pelo assumir dos efeitos da própria morte na pessoa de Jesus. Nada poderia ficar como dantes e a Sua ressurreição leva a um novo e diferente relacionamento connosco; não na sua essência de Amor, dado que esta permanece inalterável, mas antes na forma de se manifestar.

Ele passa a ser reconhecido no partir do pão (Lucas 24,30-31), no comer à mesa com os discípulos para os aquietar (Lucas 24, 42), no chamar de Maria Madalena pelo próprio nome (João 20, 16). Nas circunstâncias da vida normal Jesus agora mais livre do que antes faz-se presente para sossegar e tranquilizar e ao mesmo animar e enviar em Missão os seus discípulos.

Cristo ressuscitado requer pois, e à semelhança dos 3 discípulos no monte Tabor (Lucas 9, 28-36) o transfigurar do nosso próprio modo de estar e de olhar a realidade outra que Ele nos revela. Não procuremos encerrar o novo que se nos apresenta nos nossos velhos modelos e referências. Não procuremos voltar ao antigamente para vivermos o novo céu e a nova terra (Apocalipse 21,1) que desde já se nos oferece em Cristo ressuscitado e que S. Paulo tão bem exprimiu quando referiu: «quem vive unido a Cristo torna-se uma pessoa nova, tudo é novo» (2 Coríntios 5, 17).

Sermos arautos e testemunhas de Cristo Ressuscitado requer neste Tempo de Páscoa que sejamos capazes também de identificar em nós e à nossa volta os sinais e as realidades de morte que se anunciam e teimam em se instalar na nossa vida individual e coletiva. Levá-los a sério e às suas consequências é condição indispensável para percebermos o seu poder e os colocarmos perante o poder transformador da vida nova que a Ressurreição de Jesus nos oferece. Só no enfrentar da morte poderemos testemunhar a vida.

Verdadeiramente o «grão de trigo tem que morrer para poder dar fruto» (João 12,24). Paradoxalmente o assumir da morte e das suas consequências torna-se condição necessária para uma nova vida, se quisermos para o gozo da vida na sua plenitude. A vida que tendo experimentado a solidão e o abandono da morte é celebrada agora em comunhão abundante.

Feliz Tempo de Páscoa na expectativa do Pentecostes que se anuncia!



25 Anos do DMIL

No sínodo realizado no ano de 1992 foi aprovada por unanimidade a criação do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana (DMIL) como órgão diocesano que integra a missão da proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e o serviço ao próximo, para o louvor de Deus, de acordo com as bases doutrinárias e a disciplina da nossa Igreja.

Ao longo destes 25 anos o departamento teve e continua a ter por função contribuir para a unidade e acção das Mulheres, promover a realização de actividades conjuntas entre as mulheres das diversas comunidades, representá-las a nível nacional e no estrangeiro, estabelecer relações com mulheres de outras denominações cristãs e colaborar com todas as entidades da Igreja Lusitana para a dinamização dos trabalhos da mesma.

O DMIL lançou várias iniciativas, sendo a mais regular os campos de férias destinados a pessoas seniores, algumas não pertencentes à Igreja Lusitana, mas que logo se adaptam às dinâmicas do departamento em todas as suas vertentes. Este ano iremos ter a 23.ª edição. Temos conhecido vários locais do país, mas o eleito é a Foz do Arelho onde podemos contemplar diariamente as maravilhas da natureza.

O Projecto Esperança, hoje conhecido a nível diocesano, teve início no departamento. As mulheres aperceberam-se das carências alimentares que se observavam, dentro e fora das comunidades e decidiram iniciar um processo de ajuda que pudesse atenuar essas carências. Assim no arceprelado norte, pelo Natal, angariamos géneros e bens e fizemos a distribuição de cabazes que além dos miminhos natalícios, também contemplavam brinquedos para as crianças.

Outra iniciativa foi a criação do Espaço SOS, com carácter sigiloso, um programa de apoio, a famílias carenciadas, no pagamento de contas, de medicamentos, aquisição de material clínico e bolsas de estudo.

Demos, também, início a um plano de visita a doentes e idosos, dando especial atenção ao acompanhamento nos momentos mais difíceis de angústia ou de sofrimento, levando em cada visita a oferta singela de uma rosa, como sinal visível do amor e solidariedade.

Vamos comemorar estes 25 anos de caminhada cristã, com um programa de celebrações, nos próximos dias 20 e 21 de Maio na Paróquia do Bom Pastor do Arciprestado Norte com o tema: "As mulheres testemunhas de Jesus: na família, nos amigos, nos vizinhos, na comunidade, no mundo."

Do programa de celebrações constará no dia 20 a recepção. Depois, teremos um debate do tema, a que se seguirá a reflexão em grupos de trabalho. No dia 21 teremos um Culto de Acção de Graças presidido pelo nosso Bispo Diocesano D Jorge.

E parafraseando Fernando Pessoa, enquanto houver vontade, empenho e fé, Deus quererá, as mulheres sonharão e a obra nascerá. Passado, Presente e Futuro não se substituem, sucedem-se.

Através do amor ao próximo as mulheres do DMIL querem continuar a ser um degrau na escada que constrói a Fé em Jesus Cristo o Filho Único de Deus.

Brígida Arbiol (Presidente da Direcção do DMIL)



Batismo celebrado no Domingo de Páscoa

Com a comunidade reunida em ambiente de alegria pascal realizou-se a 16 de Abril, Domingo de Páscoa, na paróquia Lusitana de S. João Evangelista, o batizado do menino Simão Pimentel Teixeira da Fonseca, filho de Luís Miguel Fonseca e de Bárbara Dulce Teixeira. Pais e padrinhos, juntamente com a restante comunidade reunida, renovaram os seus votos batismais, afirmando a sua renúncia do mal e a sua fé e confiança na Trindade.

A celebração pascal que encheu o templo, foi presidida pelo bispo diocesano e pároco de S. João Evangelista. Na sua homilia, D. Jorge recordou aos presentes o recente martírio dos cristãos no Egipto ocorrido no Domingo de Ramos, exortando cada crente a um testemunho coerente e fiel com a pessoa de Jesus Cristo Ressuscitado, particularmente no contexto de uma sociedade ocidental tão indiferente perante a fé cristã. Referiu ainda o enorme simbolismo da realização do batismo do Simão no Domingo de Páscoa, dado que e desde cedo, na tradição da Igreja, o batismo expressou e simbolizou a Páscoa de Jesus. Através do batismo, a Páscoa de Jesus torna-se a nossa e nascemos também nós para uma vida nova. Foi pois, com muita alegria que a Igreja reunida cantou os Aleluias e acolheu um novo membro no seu seio.



Pausa a meio do caminho do Peregrino

São os primeiros grupos a nível da Diocese Lusitana a terminar a primeira fase do Peregrino (Fase «Seguir») – Curso de Catecumenato para a caminhada cristã. Após um caminho de encontros quinzenais, iniciados há mais de um ano na paróquia lusitana do Redentor, e orientados pelo leitor Pedro Fernandes, os quinze peregrinos divididos em dois grupos, fizeram uma pausa para reflexão e celebração do caminho já percorrido. A pausa decorreu em jeito de encontro fraterno dos peregrinos com o Bispo diocesano e os restantes responsáveis pelo Curso do Peregrino, Dr. António Manuel Siva (presidente do IAET) e Reverendo José Manuel Cerqueira (tradutor dos livros do Peregrino do Inglês para o Português).



Foi uma oportunidade para a oração, para a escuta mútua, e para a partilha de sensações e vivências ocorridas ao longo do caminho percorrido. Os testemunhos foram vibrantes e reveladores do contentamento de todos pelo caminhar que está a ser feito. Um caminhar que ajuda ao estreitamento da fé com a vida e ao conhecimento mais estruturado das verdades da fé e da revelação bíblica. A cada peregrino foi entregue um certificado que atesta o caminho já percorrido. O recomeço do caminhar contempla agora a «Fase Crescer» com o livro sobre os Cremos. O novo livro apresenta o Credo dos Apóstolos e o Credo Niceno e ajuda cada peregrino a explorar a verdade profunda e bela de Deus como Trindade e comunhão de Amor entre três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Bom caminho para todos !



Secretariado Juvenil
da Igreja Lusitana

SJIL apresenta logo e áreas de missão

Para uma melhor identificação e apresentação do seu trabalho o SJIL possui agora um logo. A nova imagem do Secretariado é composta por cores vivas expressão do testemunho alegre que a juventude pretende desenvolver e apresenta no seu centro uma cruz como referência à pessoa de Jesus Cristo, na sua paixão, morte e ressurreição.

Definiram-se também as diferentes áreas de missão, cada uma das quais, acompanhada por uma frase indicadora do sentido do trabalho a ser desenvolvido:

Evangelição - «Levar Cristo a outros jovens»

Discipulado - «Servir e amar a Cristo»

Ecumenismo - «Viver e celebrar a Unidade da Igreja»

Serviço - «Amar a Deus na pessoa do próximo»

Salvaguarda da Criação - «Preservar a Criação de Deus»

Intercâmbio e Cooperação - «Viver a universalidade da Igreja de Cristo»

Inter-Religiosidade - «Descobrir Deus nas outras Religiões»

A estrutura do SJIL é composta por :

Coordenadora:
Diana Melo – Paróquia do Salvador do Mundo

Tesoureiro:
Diogo Fernandes – Paróquia do Redentor

Secretária:
Sara Saraiva – Paróquia do Bom Pastor

Vogal:
Catarina Ferreira – Paróquia de S. João Evangelista

O SJIL pode ser contactado em :

Tlm Coordenadora: 937621408

Email: secretariadojuvenil@igreja-lusitana.org

Facebook: <https://www.facebook.com/sjilcae/>

Centro Diocesano - Tel. 223754018

“VENHA O TEU REINO”

da Ascensão ao Pentecostes 2017 - tempo de oração e de evangelização

PORQUÊ?

Após a apresentação do tema Sinodal 2016 :«Igreja, comunidade de discípulos que faz discípulos e glorifica a Deus» (S. João 15,8), a Igreja Lusitana recebeu um convite do Sr. Arcebispo de Cantuária, no sentido de se juntar ao movimento de Oração e de Evangelização Internacional «Thy Kingdom Come» / «Venha o Teu Reino».

Na sua reunião de 4 e 5 de Novembro passado, a Comissão Permanente decidiu aceitar este convite na continuação do tema Sinodal visando o aprofundamento da vivência da Oração, da prática da Evangelização e do sentido do discipulado intencional.

O QUE É?

Os dias entre a Ascensão e o Pentecostes são tradicionalmente um tempo no qual a Igreja se centra na Oração. Os primeiros discípulos juntaram-se após terem visto Jesus ascender aos céus, tal como nos é dito no livro de Atos 1,14 «Todos tomavam parte nas reuniões de Oração, juntamente com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus...».

A visão para «Venha o Teu Reino» assenta nesta tradição e almeja ver toda a família de Deus junta em oração na ação do Espírito Santo para o aprofundamento do testemunho de Jesus Cristo e da renovação das nações e transformação das comunidades.

COM QUE OBJETIVOS?

- Juntar-se à família do Pai
- Orar pelo fortalecimento da fé na ação do Espírito Santo
- Tornarmo-nos testemunhas efetivas de Jesus Cristo

QUANDO?

Do dia da Ascensão (25 de Maio 2017) ao Domingo de Pentecostes (4 de Junho 2017).

No Sábado, 3 de Junho 2017 durante todo o dia, haverá um evento de Oração e de Evangelização na Catedral Lusitana de S. Paulo, em Lisboa, com a participação do povo e comunidades da Igreja Lusitana e de outras Igrejas e aberto a todos aqueles que queiram conhecer e encontrar Jesus Cristo nas suas vidas.

COMO?

«Pedimos às pessoas que orem do modo que quiserem, com quem quiserem e onde queiram, para que outros conheçam Jesus Cristo. O principal é orar e isso é uma coisa simples de fazer».

Justin Welby, Arcebispo de Cantuária

Para facilitar serão providenciados recursos e materiais de oração e de liturgia.

QUEM?

Na ação criativa e desafiante do Espírito Santo, todos são chamados a juntarem-se a este movimento de oração e de Evangelização, desde as Igrejas, às paróquias, às famílias, aos jovens às crianças e todos os homens e mulheres de boa vontade.



Clero Ibérico aprofunda amizade como dom de Deus

No contexto do tempo quaresmal e do aprofundamento dos laços entre a Igreja Lusitana e a Igreja Espanhola Reformada Episcopal, parte do clero destas Igrejas Anglicanas, esteve reunido de 13 a 16 de Março passado, num encontro realizado em Salamanca, no centro Anglicano Atilano Coco. O encontro em jeito de retiro pastoral foi orientado pela Reverenda Deborah Chapman da Diocese de Londres atualmente a trabalhar em Barcelona como assistente do capelão Inglês desta cidade. Referindo-se ao encontro, a Reverenda Débora descreveu-o como «um tempo de graça e um dom de Deus para todos os que estão envolvidos no caminho para a Páscoa».

Foram partilhadas experiências do trabalho pastoral desenvolvido por cada Igreja no seu próprio contexto e identificadas futuras áreas de missão. O encontro serviu também para os líderes de ambas as Igrejas se conhecerem melhor. O programa do retiro desenvolveu-se em torno da Eucaristia diária celebrada de acordo com os ritos litúrgicos próprios de cada Igreja. As reflexões bíblicas expostas apresentaram a amizade como dom de Deus e atitude a ser cultivada e ainda a possibilidade e a necessidade de reconhecermos na nossa vida diária a real presença de Deus. Para este efeito foram aprofundados os textos bíblicos de I Samuel 13-20 descrevendo a amizade entre David e Jónatas, Isaías 43 com a promessa da presença de Deus no caminhar do povo de Israel e diversos salmos.

Os bispos das duas Igrejas, D. Carlos Lopez Lozano e D. Jorge Pina Cabral, expressaram o seu contentamento pelo modo fraterno como o encontro decorreu e viram neste mais uma oportunidade de desenvolvimento dos laços de Missão que unem as Igrejas. No final a Reverenda Deborah referiu que «a sua oração para o clero que esteve presente é a de que tenham saído fortalecidos para os seus ministérios sustentados no amor e na presença de Deus na vida de cada um».



Novo Bispo Anglicano do Niassa

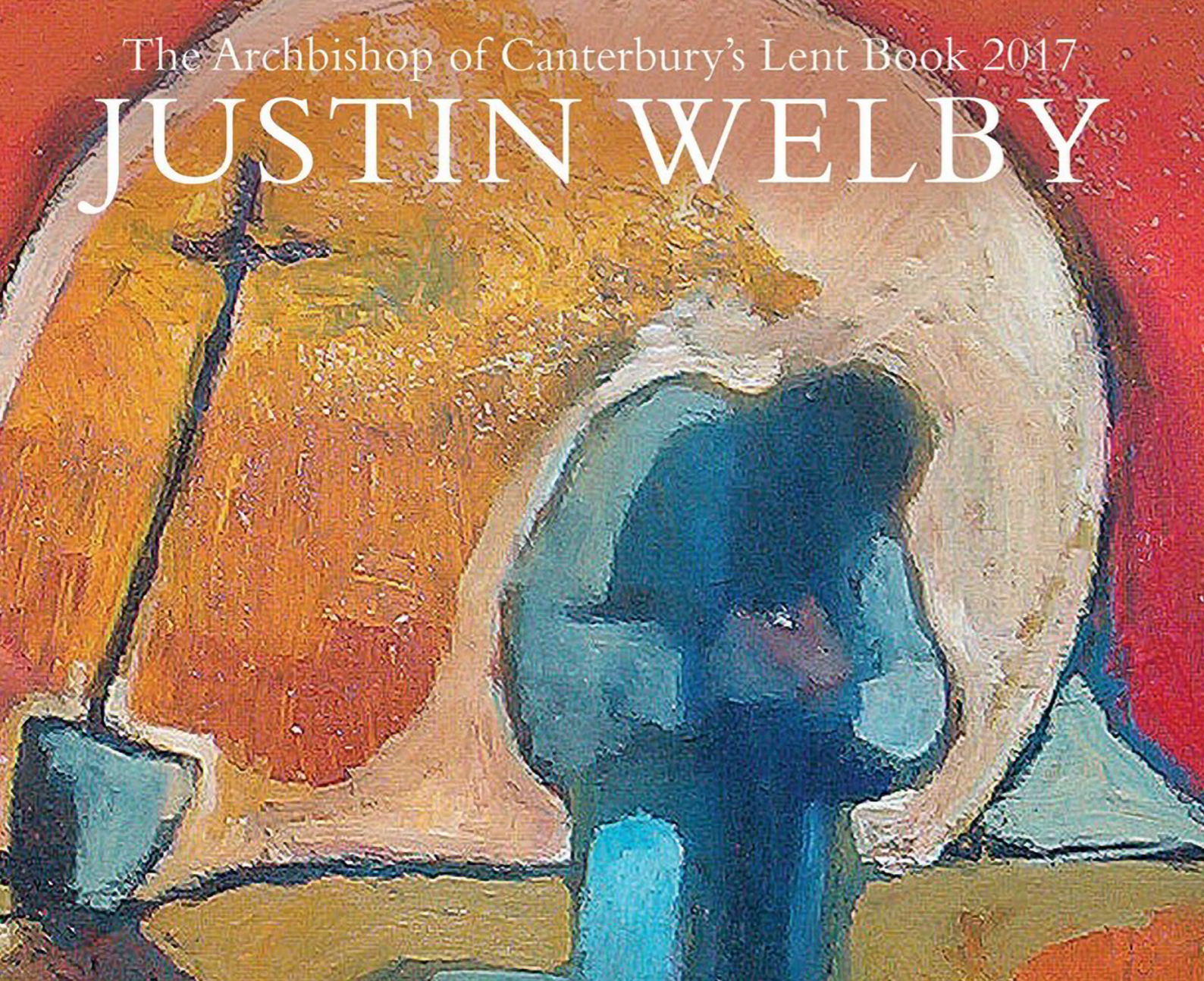
No Sábado, 1 de Abril 2017, o 4º Bispo da Diocese Anglicana do Niassa, D. Vicente Msossa foi entronizado em Lichinga pelo Arcebispo Thabo Makgoba, líder da Província Anglicana do Sul da África na qual está integrada a Igreja Anglicana de Moçambique. D. Vicente sucede a D. Mark Van Koevering como diocesano do Niassa.

Na celebração de entronização estiveram presentes diversos Bispos Anglicanos e muito povo da Igreja. O Bispo da Igreja Lusitana foi pessoalmente convidado para esta cerimónia mas não pode comparecer dado compromissos episcopais anteriormente assumidos. O novo Bispo tem 36 anos de idade e é atualmente o Bispo mais novo da Comunhão Anglicana. O jovem Bispo foi anteriormente Director da Evangelização no ministério com os jovens e coordenador diocesano para o Ministério. É casado com Anastacia e tem 3 filhos, Andrason, Ebenezer e Omegarda.

A diocese Anglicana do Niassa (norte de Moçambique) é uma das dioceses que integram a recém-criada Rede Lusófona da Comunhão Anglicana e juntamente com a diocese dos Libombos formam a Igreja Anglicana em Moçambique. Esta diocese foi fundada em 1980 e abrange as quatro províncias civis a norte do rio Zambeze. Está dividida em seis Arciprestados, tem 32 paróquias com 426 congregações, aproximadamente 65.500 membros e conta com 55 padres no seio do clero. Prevê-se que D. Vicente juntamente com uma delegação da diocese do Niassa estejam em Portugal no final do corrente ano para o III Encontro da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana.

D. Jorge Pina Cabral teve já a oportunidade de falar com o D. Vicente Msossa a quem expressou e em nome de toda a Igreja Lusitana as maiores bênçãos de Deus para o seu ministério episcopal.

JUSTIN WELBY



Destronando Mamom o dinheiro ao serviço da graça

Desenhado para estudo nas semanas da Quaresma de 2017, este é o título do primeiro livro do Arcebispo de Cantuária, Justin Welby. Como nos é indicado numa síntese introdutória, trata-se de uma reflexão sobre o tema do dinheiro e do materialismo e enquadra a pressão que nos rodeia e a forma como lidamos com o poder do dinheiro, que neste livro é designado por Mamom.

O que está no centro das nossas vidas? Quem dirige as nossas ações e atitudes? Será Jesus Cristo, que nos traz a esperança, a verdade e a liberdade? Ou é Mamom, tão atrativo, tão brilhante mas que nos leva para caminhos que defraudam e desapontam?

O Arcebispo de Cantuária explora as tensões que surgem numa sociedade dominada pelos aliados de

Mamom – a economia e a finança – e pelas pressões de uma cultura que se adapta às expectativas do dinheiro. Seguindo os Evangelhos em direção à Páscoa, o livro questiona o leitor sobre o sentido de destronar Mamom nos valores e prioridades da nossa civilização e na nossa própria existência. Em “Destronando Mamom”, o Arcebispo Justin desafia-nos a usar a Quaresma como um tempo de aprendizagem sobre a esperança na abundância e na graça de Deus.

O desenvolvimento do tema deste livro resulta do conhecimento do Arcebispo em matéria de finanças, que decorre da sua experiência profissional anterior à ordenação, como diretor financeiro de uma empresa petrolífera. Ainda recentemente, integrou uma comissão parlamentar britânica sobre regras da atividade bancária, que investiga as causas do “crash” financeiro de 2008.

O livro desenvolve-se em seis capítulos, que refletem sobre questões importantes da organização da nossa sociedade, questionando o valor das prioridades que frequentemente colocamos para as nossas vidas:

“Valorizamos o que vemos” – Na nossa sociedade valorizamos a riqueza que é visível e as atitudes que, de forma mais evidente, revelam sucesso. Ouvimos mais atentamente aqueles que demonstram que conseguiram e possuem riqueza material visível. E afastamo-nos, frequentemente, dos doentes, deprimidos e desesperados, cujas condições existenciais nos recordam mais a carência e a morte (com a qual não queremos lidar) do que a prosperidade e o crescimento e, por isso, desvalorizamos enquanto perdedores. E, no entanto, Jesus passou grande parte do seu ministério a questionar a visão dos homens do seu tempo. Os evangelhos revelam-nos vários momentos de intenso drama e força no âmbito dos quais Jesus desafiou a forma como vemos o que nos rodeia.

“Somos controlados pelo que medimos” – neste capítulo, o Arcebispo de Cantuária reflete sobre a forma como acedemos às coisas e as medimos. Normalmente, tendemos a considerar valioso aquilo que conseguimos medir – particularmente, em termos financeiros. Um dos dogmas da nossa organização empresarial é o de que “o que conseguimos medir, conseguimos controlar”. Mas a realidade é que, em última análise e pelo contrário, aquilo que medimos tende a controlar-nos. A nível nacional, a prioridade é sempre o PIB, o estado da economia, as taxas de investimento, a percentagem de crescimento. Notoriamente, o que não é mensurável tende a não ser gerível. As pessoas podem manter um apertado controlo sobre aspetos mensuráveis da sua vida, tais como o seu salário e a gestão do seu orçamento doméstico. Ao mesmo tempo, as mesmas pessoas podem não ter consciência do estado das suas relações afetivas, da condição em que se encontra o seu casamento ou a felicidade dos seus filhos. Um sintoma significativo desta realidade é a forma como os países medem a riqueza nacional ignorando o trabalho voluntário e não remunerado. O que resulta desta abordagem é o perigo de que acabemos por desvalorizar tudo o que de importante Jesus Cristo nos trouxe e que não é mensurável em termos financeiros.

“Possuimos tudo o que temos” – no capítulo três, a reflexão aponta para o sentido da nossa natureza “aquisitiva”, da nossa tendência muito humana e compreensível de fazermos muito nosso tudo o que temos, de dizermos que tudo o que é nosso é muito nosso, e não verdadeiramente de Deus. E de atuarmos em conformidade... A questão central deste capítulo é a interrogação sobre as formas de ultrapassarmos esta tendência para a posse.

“O que recebemos tratamos como nosso” – neste capítulo reflete-se sobre a ligação entre poder e dinheiro e a forma como tendemos a considerar que aquilo que ganhamos resultou exclusivamente do nosso próprio esforço e nunca da graça de Deus. Em consequência, desenvolvemos uma atitude errada relativamente ao que possuímos e defendemos as estruturas de poder que protegem a nossa riqueza. Em João:13 Jesus lava os pés dos seus discípulos. A recuperação de um sentido de Graça como origem de todas as coisas abre as portas ao serviço humilde, ao bem comum e ao amor ao próximo que destronam Mamom.

“Aquilo que damos, ganhamos” – Nesta passagem são analisadas as formas de pensamento predominantes quanto à organização da economia nas nossas sociedades, de forma a que consigamos tomar consciência das influências invisíveis mas poderosas que determinam a nossa atitude relativamente ao dinheiro e à posse. A consciência de tudo aquilo que molda o nosso pensamento torna-nos mais capazes de assegurar que a nossa influência é Cristo e não Mamom.

“Aquilo que dominamos traz-nos felicidade” – este capítulo aponta-nos para o fim de todas as coisas, voltando a analisar os temas do dinheiro e do valor. Desafia-nos a ter uma perspetiva sobre o dinheiro que comece e acabe em Cristo. Fala sobre o profundo impacto das falsas visões que nos são apresentadas como profundamente atraentes, mas reflete sobretudo sobre o incomensurável amor de Cristo que vem ao encontro de cada um de nós na nossa solidão, na nossa desproteção e nos oferece esperança, um propósito e um futuro.

Em síntese, este livro do Arcebispo de Cantuária é um importante instrumento para leitura individual e comunitária, trazendo-nos elementos de reflexão valiosos sobre uma temática que perpassa de forma transversal a nossa vida pessoal e societária, desafiando-nos a reequacionarmos as nossas opções e atitudes em função da perspetiva transformadora do Evangelho de Jesus Cristo.

Helena Pina Cabral

Capa do livro - “Na sombra da Cruz, somos chamados a vermo-nos como a pérola na mão de Deus, mas também, e ao mesmo tempo como mercadores”.



Colóquio Europeu sobre Comunicação

“Média e Igreja – Não façamos separadamente o que podemos fazer juntos”

De 3 a 5 de Maio de 2017, realizou-se no Seminário de Alfragide, em Lisboa, o 3º Colóquio sobre Comunicação, promovido pela CEPPLÉ – Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa.

Participaram no evento, cuja língua oficial foi o francês, duas dezenas de pessoas, maioritariamente responsáveis, leigos e clérigos, a nível europeu, por agências de comunicação, algumas mais ligadas a Igrejas, sobretudo Reformadas, bem como responsáveis por jornais, páginas de internet, blogues, programas de televisão e rádio.

Durante os dias do evento foram partilhadas experiências e boas práticas levadas a efeito em diversos contextos e meios. Por exemplo, a propósito dos 500 anos da Reforma, é possível aceder a vastíssimo material multimédia, que apresenta numa linguagem atual e atrativa, junto das novas gerações, diversos conteúdos. A qualidade profissional associada à criatividade e inovação, que caracteriza o nosso tempo em termos de media, é algo de extraordinário e simultaneamente exigente, pois requer adaptação, abertura e aposta em formação continua.

Para Charlotte Kuffer, Secretária Geral da CEPPLÉ, a aposta na Comunicação deve fazer parte da Missão das Igrejas. Num tempo marcado pela tecnologia e informação em rede, os Cristãos devem trabalhar juntos, testemunharem com força a pessoa viva de Jesus, com a criatividade que o Espírito Santo suscita.

Para Daniel Cassou, Pastor e Jornalista, responsável pela comunicação da Igreja Protestante Unida em França, a comunicação deve ser um veículo de aproximação entre pessoas, que ajude a formar e a evangelizar, numa linguagem atualizada e convincente.

O COPIC – Conselho Português de Igrejas Cristãs, apoiou a CEPPLÉ na organização do evento particularmente ao nível do acolhimento, logística e momentos culturais.

Durante os dias do encontro houve tempo para oração e foram realizados alguns passeios por belas zonas históricas da cidade.

A representar o COPIC e a Igreja Lusitana estiveram presentes os Reverendos Fernando Santos e Sérgio Alves. Da Igreja Presbiteriana esteve o Pastor João Pereira e da Igreja Metodista o Pastor Eduardo Conde.

Em Portugal, as Igrejas do COPIC, apesar da circunstância minoritária e dos seus exíguos recursos financeiros, têm conseguido desenvolver, com criatividade e inovação alguns espaços importantes, muito apreciados pelos parceiros europeus, como por exemplo o site www.copic.pt, o facebook www.facebook.com/copicconselho.cristas o canal de youtube e os programas de televisão e rádio bem como a realização em Fevereiro de 2017, na Figueira da Foz, do encontro sobre comunicação dirigido às Igrejas.

A cidade de Madrid vai acolher o 4º Colóquio que se realizará em Abril de 2018.

O Revº Fernando Santos passou a integrar um grupo de trabalho que terá como responsabilidade apresentar no próximo colóquio algumas reflexões sobre modelos de media ao nível europeu.

Fundada em 1950 a CEPPLÉ - Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa (www.cepple.eu) é uma contribuição para a construção europeia com uma forma original de cooperação entre Igrejas Protestantes do Sul da Europa.

Congrega Igrejas de diferentes tradições eclesiais e teológicas como as igrejas reformadas, metodistas, anglicanas, luteranas, valdenses e baptistas, entre outras.

Eleitos novos Órgãos Sociais do COPIC

Assembleia Geral – 25 de Março de 2017
Triénio 2017-2019

Assembleia Geral

- Presidente: Pastor Emanuel Dinis (Igr. Metodista)
- 1ª Secretária: Prof. Silvina Queiros (Igr. Presbiteriana)
- 2º Secretário: Diácono Peter Eisele (Igr. Alemã do Porto)

Direção

- Presidente: Pastor Paulo Silva (Igr. Presbiteriana)
- Vice Presidente: Bispo D. Jorge Pina Cabral (Igr. Lusitana)
- Vice Presidente: Bispo Sifredo Teixeira (Igr. Metodista)
- Tesoureiro: Revº Sérgio Alves (Igr. Lusitana)
- Secretário: Pastor João Pereira (Igr. Presbiteriana)

Conselho Fiscal

- Presidente: Revº Carlos Duarte (Igr. Lusitana)
- Vogal: Dr. Jorge Felício (Igr. Metodista)
- Vogal: Pastora Sandra Reis (Igr. Presbiteriana)



Sagração do novo Bispo da Igreja Checa

No exercício do seu múnus episcopal, e a convite da Igreja Velha Católica da República Checa, o Bispo da Igreja Lusitana participou na sagração do novo bispo desta Igreja, Pavel Benedikt Stransky. A cerimónia ocorreu a 1 de Abril e teve lugar na bonita e histórica Basílica de Santa Margarida no Mosteiro Beneditino Brevnov na cidade de Praga. No contexto da concordata de plena Comunhão entre Anglicanos e Velho Católicos, estiveram juntos 13 bispos que com a sua presença e imposição das mãos expressaram o sentido da catolicidade e da apostolicidade da Igreja.

Presentes também diversos convidados ecuménicos de outras Igrejas e organizações. Como é tradicional no rito velho católico a cerimónia foi presidida até à sagração pelo sr Arcebispo de Utreque, Joris Vercammen,

e posteriormente a celebração eucarística foi já presidida pelo novo bispo sagrado. D. Jorge Pina Cabral ofertou ao novo bispo um livro da liturgia da Igreja Lusitana manifestando a sua disponibilidade e interesse em estreitar a missão conjunta entre as Igrejas.

Foi no ano de 1965 que a Igreja Lusitana assinou uma Concordata de plena Comunhão com as Igrejas Velhas Católicas de Utreque. No âmbito desta Concordata cada Igreja reconhece a catolicidade e independência da outra, e mantém a sua e concorda em admitir membros da outra a participar dos sacramentos. A participação dos bispos nas cerimónias de sagração episcopal que ocorrem nas diferentes Igrejas é uma expressão viva da comunhão existente entre as Igrejas.





Rev. Fernando Santos

Celebrar a Ressurreição de Cristo

Há alguns dias, participei num encontro sobre Religião e Laicidade. Estávamos sentados à mesa a jantar, ninguém se conhecia. Repentinamente uma senhora voltou-se para o seu vizinho do lado, dizendo que era católica. E qual o meu espanto quando a vi retirar uma Bíblia da sua mala! Milagre pensei eu.. Uma católica não tem a Bíblia no seu saco! Tem um terço, uma estampa do Padre Pio... Mas uma Bíblia, tenho que confessar, foi para mim uma revelação! O vizinho, por sinal ateu, pediu-lhe para ler uma passagem. Abriu a Carta aos Romanos e começou a ler: “A todos os perversos e a todos os ... todos esses não entrarão no reino do céus...”

Essa passagem fez-me pensar. O Cristianismo não é uma lista de pecados a abolir. Que desgraça quando o Cristianismo se reduz a isso. O Cristianismo é: Irmãos, “Vos ressuscitastes em Cristo”. Ele não ressuscitou sozinho nem para si mesmo, somos membros do seu corpo. A sua herança de vida e glória, também é vossa. Aquilo que Ele é também é vosso.

A ressurreição de Cristo só tem interesse na medida em que transforme as nossas vidas. A ressurreição não é apenas um motivo para ficarmos todos felizes por Cristo ter saído vitorioso no final da história e que ele afinal está bem. A ressurreição de Cristo é fundamentalmente a transformação que ocorre em cada um de nós quando fomos batizados em Cristo. Quando somos revestidos de Cristo Ressuscitado. Aí sim tudo muda.

Este é o nosso desafio enquanto participantes da Ressurreição de Cristo, viver nos mais diversos eventos da nossa jornada como ressuscitados.

Reagir como ressuscitados, procurar as realidades do alto, não quer no entanto dizer que nos devamos desinteressar daquilo que se passa neste mundo ou desprezar ou que classificamos como “realidades deste mundo” Não se pode ser cristão não sendo deste “mundo”.

Comportar-se como ressuscitados, é ter o olhar centrado no Cristo Ressuscitado, é agarrar os acontecimentos, as situações, a partir da Ressurreição. Não apenas como se a Ressurreição ainda estivesse para vir ou como uma promessa meio vã. Cristo ressuscitou, irmãos e irmãs, Ele está sentado a direita do Pai e envia-nos continuamente o seu Espírito.

Pelo Batismo fomos revestidos do próprio Cristo. E sabem uma coisa? Se nos comportássemos como tal, tanta coisa mudaria... Não é só dentro das nossas igrejas que somos chamados a comportar-nos como batizados (ainda que muitas vezes nas nossas assembleias tenhamos muito pouco de batizados... de ressuscitados.) mas em cada circunstância da vida.

Esta é para mim a mensagem da Páscoa, uma mensagem para ser vivida, para fazer viver.

Os judeus, quando brindam, exclamam “à vida” e estes não conhecem O Ressuscitado. Não deveríamos nós, cristãos, cada vez que brindamos, dizer: “À vida plena, à Ressurreição!” Fica a ideia..

É isto o dia de Páscoa, de nos tornarmos cristãos vivos. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” Vida, vida e ainda mais vida.

Que a glória do Senhor brilhe nos nossos rostos, brilhe nas nossas casas e brilhe uns nos outros.



Aurora Melo

Páscoa, a primícia de uma nova vida

A Páscoa é a festa em que se celebra a paixão morte e ressurreição de Jesus Cristo. É assumida pela Igreja como a mais importante celebração da vida do Cristão. Mas a ressurreição de Cristo não se reduz à revitalização de um indivíduo qualquer, não é apenas o milagre de um cadáver reanimado. A fé na ressurreição de Jesus Cristo é o fundamento da mensagem cristã. Ela é a primícia de uma nova vida, de uma nova condição, de uma nova dimensão de ser e de estar na vida. A dimensão da relação, do ESTAR COM DEUS!(...)

S. Paulo, na segunda carta aos Coríntios 5,1-3, fala-nos também de uma outra dimensão da ressurreição que é uma promessa de vida eterna que nos é dada além da morte terrena.(...)

Da minha experiência pessoal, posso testemunhar sem qualquer dúvida que a minha fé em Cristo me tem permitido compreender a morte como um processo natural e inevitável e por consequência aceitar, ou como habitualmente se diz, “lidar bem com a morte”. Dos vários lutos que vivi, os primeiros foram de dois Avós, tinha eu 20 anos. Na altura eu não compreendi a razão da minha serenidade perante as circunstâncias, nem tão pouco a ausência de lágrimas e dor que afetaram os meus familiares e que pareciam não me afetar.

Seria eu uma pessoa fria e desprovida de sentimentos? Vinte anos mais tarde a vida colocou-nos de novo perante as dificuldades da morte. No espaço de um ano, morreu o meu pai, o meu sogro e a minha avó. No caso do meu pai, que sobreviveu a um cancro durante quatro anos, a sua partida trouxe-me uma sensação de alegria serena pelo sofrimento que terminara. O meu pai partira para Deus, pensei. Nesta altura compreendi que este estado de espírito era fruto da minha fé em Cristo e da minha plena convicção da sua promessa de vida eterna. O meu pai não morreu, apenas partiu para Deus e vive agora numa outra dimensão que eu haverei também de alcançar um dia.

Oito meses mais tarde, partiu o meu sogro e a minha avó, e essa certeza estava já reforçada no meu subconsciente, e a dor de os ver partir dissipava-se na certeza de que eles estavam com Deus. Passaram-se sete anos sobre estes acontecimentos e partiu a minha sogra e esta convicção manteve-se inalterada, não esmoreceu no tempo. Descobrir que a doutrina recebida ao longo da vida na Igreja e que dominicamente eu afirmava, no credo, na celebração eucarística, nos hinos que entoava, tinham produzido uma consciência de fé plena e criavam coerência entre aquilo que afirmo acreditar e no modo como me comporto face à dificuldade, foi para mim motivo de grande alegria.

Todos sofremos com a partida daqueles que amamos mas o nosso sofrimento será afagado certamente, se olharmos para este mistério com os olhos da fé em Cristo ressuscitado.

Mas como compreender a ressurreição de Cristo e vivenciá-la diariamente?(...)

Descobrir a Cristo, representa acima de tudo ressuscitar, pois em Cristo toda a fragilidade humana é superada. Numa sociedade tão secularizada como aquela em que vivemos, a cultura do pecado é predominante e só unidos em Cristo seremos capazes de nos ampararmos uns aos outros, caminhando juntos e vencendo o pecado. Isto é o sentido de ser Igreja. Esta é a nossa Fé.

A morte é a porta por onde todos vamos atravessar. Nós podemos morrer aos vinte anos e ter uma vida cheia de virtudes, alegrias e significado, ou morrer aos noventa anos e sermos apenas um cesto cheio de nada por uma vida sem sentido.

Possamos nós compreender a Páscoa e ressuscitar hoje para Cristo!

Uma Santa Páscoa.

Direito à vida, direito sobre a vida, direito a morrer, dever de viver, direito a matar ou a deixar morrer...

Maria dos Anjos Moreno / José Manuel Santos

1. O termo “eutanásia” tem a sua origem no grego: eu + thanatos significa “morte boa”, “morte feliz”, “morte sem dor”.

A eutanásia consiste, então, numa intervenção em favor da vontade de um indivíduo afetado por doença dolorosa e sem perspectiva de cura, com vista à antecipação da sua morte da forma menos dolorosa possível ⁽¹⁾.

Esta definição capta um importante aspeto da eutanásia: a morte que dela resulta é para benefício do doente.

Pode, então, dizer-se que a eutanásia consiste em produzir ou acelerar intencionalmente a morte de alguém para seu benefício!? Será aceitável que as pessoas, especialmente aquelas que se encontram numa fase terminal da vida e em sofrimento agudo, determinem o fim das suas vidas? Se sim, é admissível que solicitem medidas ativas que as matem? Ou que solicitem que as deixem morrer, pedindo aos profissionais de saúde que se abstenham de as tratar ⁽²⁾?

2. As dúvidas são imensas.

Tal como são imensos os medos, os preconceitos e os “interesses” na abordagem ao tema.

Os media fazem eco disso mesmo:

- (...) considerou que o debate sobre a eutanásia é por natureza exaustivo, longo e sério, e por isso é impossível marcar prazos (...); disse que é do mais elementar bom senso não receber o Papa com a sociedade portuguesa a discutir a eutanásia ⁽³⁾.
- (...) defendeu que, por vontade do doente, o ato de antecipação da morte pode ser praticado no seu domicílio ou noutra local por ele indicado, desde que o médico considere dispor de condições adequadas ⁽⁴⁾.
- (...) admitiu todos os cenários: legislar despenalizando, legislar agravando a penalização, não fazer nada, submeter a referendo ⁽⁵⁾.
- (...) alertou para que muitas vezes os doentes, mesmo em estado terminal, mudam de vontade ao longo do tempo ⁽⁶⁾.
- (...) defendeu que a eutanásia é um “poço sem fundo” ⁽⁷⁾.
- (...) disse que as pessoas devem ser ensinadas a compreender o sentido da existência e o valor sagrado que tem a vida e que ninguém tem o poder decisório sobre a vontade de outrem, a não ser o Criador ⁽⁸⁾.
- (...) referiu que aprovar a eutanásia significa diminuir as receitas dos laboratórios, dos hospitais ou clínicas, e por consequência diminuir os honorários dos médicos ⁽⁹⁾.

3. Considera-se dois tipos básicos de eutanásia: ativa e passiva. A primeira consiste em tomar medidas ativas que causem a morte; a segunda, em abster-se de usar meios que atrasem a morte.

Da eutanásia ativa, diz-se voluntária quando se mata ativamente a pedido do doente, não-voluntária quando se mata ativamente um doente que se encontra em coma irreversível ou em estado vegetativo e que não teve a oportunidade de exprimir esse desejo, e involuntária quando se mata ativamente um doente que exprimiu o desejo contrário, ainda que para seu benefício. Quanto à eutanásia passiva, considera-se voluntária quando se deixa morrer alguém a seu pedido, involuntária quando se deixa morrer alguém que não teve a oportunidade de exprimir esse desejo dado encontrar-se em coma irreversível ou em estado vegetativo persistente e não-voluntária se se deixa morrer alguém contra o seu desejo expresso, ainda que para seu benefício.

Diferentemente, a ortotanásia remete para a morte natural (não fazer procedimentos para prolongar os dias de vida) e a distanásia para o ato de prolongar ao máximo a vida de uma pessoa que tem uma doença incurável, implicando frequentemente uma morte lenta e em sofrimento ⁽¹⁰⁾.

4. São poucos os países no Mundo com legislação sobre a morte assistida. A eutanásia propriamente dita só existe na Holanda e na Bélgica.

Alguns critérios são semelhantes na maior parte do Mundo: o indivíduo tem que estar “mentalmente capaz” e consciente no momento em que demonstra vontade de terminar com a vida e ser portador de uma doença terminal, à qual a medicina não pode oferecer mais soluções. Em tudo o resto, existem diferenças legais e de práticas. À exceção da Bélgica, a legislação refere-se sempre a indivíduos adultos.

A Holanda foi o primeiro país a legalizar a eutanásia e o suicídio assistido. O indivíduo deve estar sujeito a uma dor intolerável, ter uma doença terminal e o pedido deverá ser feito em “plena consciência” pelo próprio. A lei Belga não distingue conceitos de eutanásia e suicídio assistido, e legalizou a eutanásia em menores de idade, sem impor qualquer limite de idade, requerendo que o menor seja capaz de, em plena consciência, expressar a vontade de terminar com a vida, que tenha uma doença terminal que lhe provoque sofrimento insuportável e que tenha o consentimento dos pais. Em França, a eutanásia e o suicídio assistido são proibidos, mas a “Lei Léonetti” permite que a equipa médica “limite ou suspenda qualquer tratamento que seja inútil, seja desproporcionado ou não tenha qualquer outra finalidade que não seja prolongar artificialmente a vida” e que utilize analgésicos que, como efeito colateral, possam encurtar a vida. Na Alemanha, o suicídio assistido ativo é proibido (o termo eutanásia está muito associado às experiências eugénicas do III Reich), exceto se a medicação para terminar a vida for tomada pelo próprio sem ajuda de terceiros. Também na Suíça a eutanásia não é legal, mas o suicídio assistido é uma prática com alguns anos de história, sendo permitida a intervenção de terceiros na ajuda ao suicídio assistido. Nos EUA, os Estados do Oregon, Washington e Vermont legalizaram o suicídio assistido, permitindo que a doentes terminais e conscientes cuja expectativa de vida seja inferior a seis meses seja prescrita medicação em doses letais. No Montana e no Novo México, a lei não requer que o ato seja praticado do hospital. ⁽¹¹⁾.

5. Também as religiões têm posições diferentes sobre o assunto.

O objetivo dos budistas é o nirvana, um estado de espírito e perfeição moral que pode ser conseguido por quem viva conforme aos ensinamentos de Buda. No budismo, a vida, apesar de ser considerada um bem precioso, não é considerada divina (não se crê na existência de um ser supremo ou deus criador). É dada grande ênfase ao estado de consciência e paz no momento da morte. Não existe uma oposição à eutanásia ativa ou passiva, que podem ser aplicadas em determinadas circunstâncias.

A posição islâmica em relação à eutanásia é de proibição, sendo a vida humana considerada sagrada e aliada a “limitação drástica da autonomia da ação humana”: O médico “é um soldado da vida”, e como tal não deve tomar medidas positivas para abreviar a vida do doente.

O pensamento judaico assinala que a tradição hebraica é contra, pelo facto de o médico servir como um meio de Deus para preservar a vida humana, sendo-lhe proibido arrogar-se à prerrogativa divina de decisão entre a vida e a morte. O conceito de santidade da vida humana significa que a vida não pode ser terminada ou abreviada, tendo como motivações a conveniência do doente, a utilidade ou a empatia com o seu sofrimento. Mas faz-se distinção entre o prolongamento da vida, que é obrigatório, e o prolongamento da agonia, que não o é. Ou seja, a eutanásia ativa é proibida, mas admite-se deixar morrer um doente em determinadas condições.

No documento “Declaração Sobre a eutanásia”, a Igreja Católica Romana refere-se à eutanásia como “uma

ação ou omissão que, por sua natureza ou nas intenções, provoca a morte a fim de eliminar toda a dor”. A eutanásia situa-se, portanto, no nível das intenções e no nível dos métodos empregados. O II Concílio do Vaticano condenou a eutanásia, reafirmando que nada nem ninguém podem autorizar a morte de um ser humano inocente; porém, diante de uma morte inevitável, apesar dos meios empregues, é lícito em consciência tomar a decisão de renunciar a alguns tratamentos que procurariam unicamente uma prolongação precária e penosa da existência.

A Comunhão Anglicana afirma que a vida é dada por Deus e tem santidade, significado e valor intrínsecos. Entende que a eutanásia não é compatível com a fé cristã nem deve ser permitida na legislação civil e/ou distingue entre eutanásia ativa e passiva, considerando haver situações que podem estar em consonância com a fé cristã ao permitir que uma pessoa morra com dignidade⁽¹²⁾. A posição de outras denominações cristãs é a favor da eutanásia passiva, a fim de evitar o prolongamento do sofrimento do doente, mas contra a eutanásia ativa, por esta se considerar uma ação de matar o outro ser humano⁽¹³⁾.

6. “Não há nenhum argumento ético, social, moral, jurídico ou da deontologia das profissões de saúde que justifique em tese vir a tornar possível por lei a morte intencional do doente por qualquer pessoa, designadamente por decisão médica, ainda que a título de “a pedido” e/ou de “compaixão”, expressa o Parecer 11/95 do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida⁽¹⁴⁾.

São princípios éticos a beneficência, a não maleficência, a autonomia e a justiça. Os princípios da beneficência e da não maleficência são prioritários sobre a autonomia e a justiça. Com o doente em fase “salvável”, deve prevalecer a beneficência sobre a não-maleficência (justifica-se a aplicação de medidas salvadoras, mesmo que tragam consigo algum grau de sofrimento). Porém, a partir do momento em que o doente é considerado em fase de morte inevitável, prevalece o princípio da não-maleficência (a equipa deve visar o conforto e o alívio do sofrimento do doente, estando obrigada, pela ética e pela moral, a manter o suporte emocional e todas as medidas que visem a não-maleficência, questionando todas aquelas que ponham em causa tal objetivo).

O princípio da autonomia não pode ser utilizado acima dos princípios da beneficência e da não-maleficência. Os doentes, em final da vida, apresentam algumas peculiaridades em relação à aplicação da autonomia (apenas uma pequena percentagem desses doentes, devido ao grave comprometimento de sua doença, apresenta condições adequadas para realizar a opção). Nos intelectualmente incompetentes e nas crianças, o princípio da autonomia deve ser exercido pela família ou responsável legal, que devem ter por objetivo defender os melhores interesses do doente (beneficência) e evitar submetê-lo a intervenções cujo sofrimento resultante seja muito maior do que o benefício eventualmente conseguido, ou que determinem desrespeito à sua dignidade (não-maleficência).

O princípio da justiça deve ser levado em conta na decisão final, embora também não deva prevalecer sobre os princípios da beneficência, da não maleficência e da autonomia.

Pertencem à natureza do ser humano as dimensões de racionalidade, de temporalidade, de historicidade, de finalidade em si e de liberdade, que fazem dele um ente em permanente desenvolvimento, na procura da realização de si próprio⁽¹⁵⁾. A liberdade ética não significa escolha arbitrária, permissividade ou relativismo moral. Significa, sim, a possibilidade de realização de todas as potencialidades da natureza da pessoa humana. Nesse sentido, a liberdade ética não se refere somente à ausência de coação externa, mas exige também a liberdade de pressões interiores (desde as que provêm de interesses científicos, económicos ou políticos, até às que se baseiam em preconceitos culturais ou positivismo religiosos não livremente integrados).

Quanto aos deveres deontológicos dos profissionais de saúde, sucintamente pode dizer-se: nenhum profissional jamais matará o seu doente, e nenhum profissional será indiferente ao sofrimento de uma pessoa doente, até ao último instante de vida, para que a morte humana, inevitável, possa ser dignamente vivida por cada um.

7. Percebe-se, então, a dificuldade que muitos de nós terão para se colocar num dos lados do debate. O respeito pela autonomia da pessoa deve assegurar que não se conduza à morte um doente que luta com todas as suas forças para permanecer vivo.

Porém, deve igualmente permitir àquele que se sente “ultrajado” pelas condições da sua vida, sofrendo dores físicas e emocionais, decidir por si próprio quando é a hora de morrer? Obrigar uma pessoa a permanecer viva contra sua vontade é tão moralmente problemático quanto matar quem quer viver?⁽¹⁶⁾ E onde fica o valor intrínseco da vida e a sua sacralidade?



Nota final: este texto foi produzido com o único objetivo de informar, e não de opinar ou influenciar.

⁽¹⁾ Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [Em linha]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/eutanasia>. [Consultado em 2017-03-03].

⁽²⁾ Vaz, F. (2009). O problema ético da eutanásia. [Em linha]. Disponível em <http://criticanarede.com/eticaeutanasia.html>. [Consultado em 03/03/2017].

⁽³⁾ Forum Enfermagem. [Em linha]. Disponível em www.forumenfermagem.org. [Consultado em 03/03/2017].

⁽⁴⁾ Diário de Notícias. Projeto do BE: Médico especialista pode travar pedido de eutanásia. [Em linha]. Disponível em <http://www.dn.pt/portugal/interior/medico-especialista-pode-travar-pedido-de-eutanasia-5670088.html>. [Consultado em 04/03/2017].

⁽⁵⁾ Expresso. [Em linha]. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2017-02-09-Eutanasia-PSD-pede-a-partidos-para-nao-acelerarem-decisao-e-nao-exclui-referendo>. [Consultado em 05/03/2017].

⁽⁶⁾ idem

⁽⁷⁾ Jornal de Notícias. Entre a vida e a morte. [Em linha]. Disponível em <http://www.jn.pt/opiniao/convidados/interior/entre-a-vida-e-a-morte-5637984.html>. [Consultado em 05/03/2017].

⁽⁸⁾ Google Sites. Entrevista a um Padre. [Em linha]. Disponível em <https://sites.google.com/site/eutanasiatematabu/entrevistas-1>. [Consultado em 05/03/2017].

⁽⁹⁾ Google Sites. Entrevista a um Sociólogo. [Em linha]. Disponível em <https://sites.google.com/site/eutanasiatematabu/entrevista---sociologo-4>. [Consultado em 05/03/2017].

⁽¹⁰⁾ Significados. O que é a eutanásia? [Em linha]. Disponível em <https://www.significados.com.br/eutanasia/> [Consultado em 07/03/2017].

⁽¹¹⁾ Esquerda.net. Morte assistida pelo Mundo. [Em linha]. Disponível em <http://www.esquerda.net/dossier/morte-assistida-pelo-mundo/41668>. [Consultado em 03/03/2017].

⁽¹²⁾ Anglican Communion. Euthanasian. [Em linha]. Disponível em <http://www.anglicancommunion.org/resources/document-library/lambeth-conference/1998/section-i-called-to-full-humanity/section-i14-euthanasia?author=Lambeth+Conference&year=1998>. [Consultado em 05/03/2017].

⁽¹³⁾ Pessini, L. (2012). A Eutanásia na Visão das Grandes Religiões Mundiais (Budismo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo). [Em linha]. Disponível em <https://espiritismoeconhecimento.wordpress.com/2012/10/25/a-eutanasia-na-visao-das-grandes-religoes-mundiais-budismo-islamismo-judaismo-e-cristianismo/>. [Consultado em 06/03/2017].

⁽¹⁴⁾ Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (2004). Parecer sobre aspectos éticos dos cuidados de saúde relacionados com o final da vida. Lisboa, Portugal.

⁽¹⁵⁾ Santos, D., Almeida, E. R., P., Silva, F. F., Andrade, L. H. C., Azevêdo, L. A., Neves, N. M. B. C. (2014). Reflexões bioéticas sobre a eutanásia a partir de caso paradigmático. Revista de Bioética; 22 (2): 367-72.

⁽¹⁶⁾ Campi, S. (2014). O valor intrínseco da vida e a autonomia: reflexões sobre a eutanásia. [Em linha]. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/87103/214349.pdf.txt?sequence=2>. [Consultado em 08/03/2017].

FÁTIMA

e a questão Ecuménica

+ Jorge Pina Cabral

No centenário das aparições de Fátima a reflexão que ganha força no meu pensamento sustenta-se na frase atribuída ao Cardeal Cerejeira e já muitas vezes repetida de que «não foi a Igreja que se impôs a Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja em Portugal». Com efeito, volvidos cem anos sobre as aparições, a Igreja Católica Romana em Portugal já não se compreende a si mesma sem Fátima e a sociedade portuguesa já não compreende a Igreja sem a realidade de Fátima. O Santuário de Fátima e a teologia Mariana que lhe está subjacente marcam decididamente quer a pastoral quer o pensar teológico da Igreja Católica Romana nas suas diferentes expressões, agentes e locais.

Sabidamente, o espaço físico e geográfico do Santuário de Fátima, tornou-se o centro das atividades pastorais da Igreja a nível nacional e das suas diferentes organizações. Consciente ou inconscientemente, voluntariamente ou não, todos (desde as crianças aos idosos) são chamados a deslocar-se a Fátima. O culto à Virgem e as mensagens das aparições como que são legitimadas pela presença constante dos fiéis convocados pelas respetivas estruturas paroquiais, diocesanas e de movimentos. Expressão maior desta «presença legitimadora» são a meu ver as sucessivas reuniões da Conferência Episcopal Portuguesa em Fátima. Não raro as próprias cartas e declarações dos bispos portugueses assumem um «cunho mariano» nas suas mensagens para toda a Igreja em Portugal. O contexto condiciona a mensagem tornando difícil não enquadrar os temas e as pastorais refletidas, à luz da teologia Mariana e da mensagem de Fátima em particular.

Um Santuário Mariano e local de peregrinação tornou-se com o passar dos anos o centro da vivência afetiva e teológica da Igreja Católica Romana em Portugal. A naturalidade com que esta realidade é assumida é proporcionalmente equivalente ao incómodo que tal provoca para as restantes Igrejas em Portugal. Os acentos marianos no seio do catolicismo romano provocam naturais reações por parte de Igrejas e cristãos que não acreditando nas aparições de Fátima e rejeitando os

dogmas associados a Maria, não conseguem encontrar sustento teológico e bíblico no culto e na mensagem de Fátima. Deste modo, e num processo ecuménico ainda teológica e pastoralmente frágil em Portugal, Fátima aparece como «justificação» para o não envolvimento de algumas Igrejas e cristãos no movimento ecuménico e torna-se uma dificuldade para as restantes Igrejas ecuménicas;

- Como falar de Fátima sem ferir a sensibilidade mariana dos irmãos católico romanos ?

- Como referir e classificar a profunda religiosidade popular que se manifesta em Fátima sem desrespeitar o povo simples que vai em peregrinação?

- Como aprofundar em Portugal o papel de Maria na história da salvação sem que tal discussão seja influenciada pela «Maria de Fátima»?

- Que sensibilidade ecuménica existe da parte da hierarquia católica na apresentação da mensagem da Fátima e no desenvolvimento das devoções que lhe estão associadas ?

Parece-me que não existe ainda contexto eclesial ecuménico maduro, para que o tema de Fátima possa ser abordado e tratado ecumenicamente. Não o sendo, continuará direta ou indiretamente a condicionar o diálogo e a cooperação ecuménica em Portugal. É um «assunto premente» que se torna um «não assunto» por conveniência entre as Igrejas. É uma realidade muito próxima de todos com uma carga histórica, e de associações políticas e religiosas ainda muito presentes. E é ainda uma realidade que se faz próxima através da chamada «visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima» às dioceses e cidades de Portugal. Aquilo que para alguns setores da Igreja Católica Romana «é recebido como uma graça» é para muitos cristãos de outras Igrejas, fator de perturbação e fonte de perplexidade, no modo como (ao contrário da boa exegese bíblica e da boa tradição da Igreja aconselham) uma imagem é alvo



de manifestações populares muitas vezes levadas a extremos de adoração com o beneplácito das autoridades eclesiais locais.

É para mim claro que em todo este contexto se perde a centralidade da pessoa de Jesus Cristo na vida da Igreja, e que somente Cristo, com o Pai e o Espírito Santo, devem ser adorados na Igreja. O que está pois em causa é a mais que evidente influência de um pensamento e de uma teologia marianas no todo que é a Igreja em Portugal.

Importa também admitir que do lado protestante e talvez por força de tudo o que foi atrás referido, falta também uma reflexão bíblica teológica serena sobre o papel de Maria na história e no plano da Salvação. Penso que aqui a «via média» que representamos enquanto Igreja membro da Comunhão Anglicana, pode e deve trazer bons contributos sustentados até em declarações teológicas comuns como por exemplo «Mary, grace and hope in Christ»¹.

Muito importante neste aspecto será redescobrir a riqueza da expressão Theotókos referida a Maria. Nos documentos e na linguagem da Igreja Católica Romana usa-se e abusa-se da expressão «Mãe de Deus» somente. Ora, e como muito bem refere o documento atrás citado «concordamos em reconhecer a graça e a vocação única de Maria, Mãe de Deus incarnado (Theotókos)» ou seja, «a portadora de Jesus». Precisando o conteúdo e o sentido desta expressão teológica percebemos que qualquer consideração sobre Maria deve estar sempre ligada às doutrinas sobre Cristo.

Igualmente importante e no plano celebrativo será por parte das Igrejas não católicas romanas o reconhecimento das festas referentes a Maria na consideração do seu papel único em relação a Jesus Cristo (2 de Fevereiro- Apresentação de Cristo no Templo/Purificação de Maria / 25 de Março – Anunciação de nosso Senhor à Bem Aventurada Virgem Maria / 31 de Maio – Visitação da Virgem Maria a Santa Isabel / 8 de Setembro – nasci-

mento da Bem Aventurada Virgem Maria). A celebração destas festas com as ajustadas orações próprias e correspondentes textos bíblicos permitem um enquadramento correto de Maria no plano da Salvação e não o seu esquecimento mais ou menos assumido.

Interessante e desafiador será também as Igrejas (re) descobrirem em conjunto a Maria e a mensagem do Magnificat (Lucas 1, 46-55) na sua dimensão profética e na sua força transformadora da sociedade no «derube dos poderosos e no levantar dos humildes». Um cântico que nos transmite (não por acaso) uma imagem de uma Maria lutadora e não resignada, de cara levantada a enfrentar o futuro e não de olhar baixo e comprometido e apático.

Cem anos após as aparições e num contexto socio-religioso marcado pela crescente e diversificada oferta religiosa em Portugal, por um aumento sociológico dos «não crentes» e dos «crentes sem religião», por um nº crescente de católicos romanos que abdicam da prática religiosa e por uma crescente secularização da sociedade portuguesa, Fátima aparece como um «contra ponto» capaz de manter ainda alguma influência e visibilidade da Igreja Católica Romana em Portugal.

Penso que dificilmente Fátima e o seu santuário trarão algo ao movimento ecuménico em Portugal nem me parece que pela sua génese, história e presente tenha vocação para tal. Não é por Fátima que passarão os caminhos futuros do Ecumenismo em Portugal.

Que Deus nos ajude na ação do seu Santo Espírito a continuar juntos no testemunho de Jesus Cristo para que o mundo creia.

¹ Mary – Grace and Hope in Christ – ARCIC – An Agreed Statement, 2005

A propósito do centenário das aparições em Fátima

+ Fernando Soares, Bispo Emérito

1. A figura de Maria na eclesiologia Anglicana

Os Anglicanos em geral reconhecem em Maria uma das maiores figuras do cristianismo, um exemplo de santidade, fé e obediência para todos os cristãos. Acreditamos no nascimento virginal de Jesus – por obra do Espírito Santo – e por isso lhe chamamos Virgem Maria quando a ela nos referimos, embora alguns de nós também afirmem que Maria, após o nascimento de Jesus, conheceu homem e teve mais filhos, irmãos de Jesus (S. João 2, 12). Ou seja, damos-lhe a devida relevância no âmbito da economia da salvação e nela vemos a figura da Serva humilde e disponível, “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (S. Lucas 1,38), que apontamos como exemplo de vida no serviço de Deus.

Expressamos o lugar de honra que lhe é devido por ser a Mãe de Jesus, e, como tal, reconhecemos o dogma do I Concílio de Éfeso (431) que dá a Maria o título de Theotokos (Portadora de Deus, na tradução literal da expressão grega), mas consideramos tal dogma uma afirmação Cristológica, isto é, uma afirmação que tem por fim realçar a condição divina de Jesus Cristo. Por isso, o termo “Mãe de Deus” não é usado nos formulários litúrgicos das Igrejas Anglicanas. É que os Anglicanos em geral consideram que todas as doutrinas referentes a Maria devem ser formuladas em ligação às doutrinas de Cristo e da Igreja. Por isso, nenhuma Igreja Anglicana aceita o papel de Maria como co-Redentora nem qualquer outro que obscureça o único mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo (I Timóteo 2,5). Além disso, a grande maioria dos Anglicanos consideram que as declarações da Perpétua Virgindade no II Concílio de Constantinopla (533), da Imaculada Conceição, pelo Papa Pio IX (1854), e da Assunção, pelo Papa Pio XII (1950), são meras crenças piedosas, não havendo referências claras na Sagrada Escritura que as suporte.

Contudo, as Comunhões Anglicana e Católica Romana têm desenvolvido trabalho de reflexão teológica na esperança de uma fé comum sobre aquela que, de todos os crentes, é a mais próxima de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Em resultado desse labor ecumênico, em Maio de 2005, foi apresentado pela Comissão Internacional Anglicana-Católica Romana (ARCIC II) um documento sobre o papel de Maria na vida e doutrina [i]

da Igreja, chamado ‘Maria: graça e esperança em Cristo’. Ali se procuram respostas para uma pergunta: “até que ponto a doutrina ou devoção marianas pertencem a uma legítima ‘recepção’ da Tradição apostólica, em conformidade com as Sagradas Escrituras? Esta Tradição tem no seu centro a proclamação da trinitária ‘economia da salvação’, baseando a vida e a fé da Igreja na comunhão divina do Pai, Filho e Espírito Santo”.

2. O fenómeno religioso de Fátima

Parece-me que o fenómeno religioso de Fátima ultrapassa já o que se possa compreender e aceitar como papel de Maria na economia da salvação. Lembro o posicionamento excessivo dado a Maria pela Igreja Católica Romana, em Portugal, como aconteceu no ano passado com a imagem de Fátima percorrendo as Dioceses de Portugal, exposta como uma deusa a ser “adorada” pelo povo, e, assim, exacerbando a prática de uma religiosidade popular – que deve ser respeitada, mas também objeto de pedagogia orientadora para a centralidade de Jesus na fé – em manifestação contrastante com a humildade da Virgem. Por outro lado, percebe-se a existência de diversas “visões” de Fátima no interior da Igreja. Atente-se nas palavras de Ildebrando Scicolone, professor jubilado do Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo (Roma), nas Jornadas de Teologia 2017, do Centro Regional do Porto da Universidade Católica, caracterizando “a piedade mariana no âmbito dos pios exercícios do povo cristão, mas não da Igreja enquanto tal” e o conteúdo do Livro “A Senhora de Maio – todas as perguntas sobre Fátima” [ii].

Ora, importa refletir sobre o fenómeno religioso de Fátima e, em especial, sobre o seu desenvolvimento na afluência de pessoas e das mais variadas origens geográficas ao longo de tantos anos, no meio de uma sociedade cada vez mais secularizada. Como compatibilizar a visão laicista da realidade e a emancipação societária da era moderna, tendo por consequência a bem sentida diminuição de fiéis nas igrejas, com a tendência crescente da afluência aos grandes santuários na Europa, incluindo Fátima? Será que uma das razões é a da manutenção subliminar do valor da transcendência? Ou seja, as pessoas têm-se vindo a



afastar do Deus enquanto Pai dos homens no céu, mas não necessariamente de Deus, como transcendente pessoal, como refere Hannah Arendt [iii].

Por outro lado, em conjugação com tal circunstância, percebe-se que o conceito de liberdade individual e a sua prática na conquista de direitos humanos gerais e das partes, tem levado ao aparecimento do fenómeno a que se dá o nome de religião “à la carte” e ao consequente pluralismo religioso que fez esbater nas Igrejas a sua condição de principal identificador de uma sociedade. É comum ver-se conjugar na concepção de fé de uma pessoa elementos de várias igrejas ou mesmo credos. Por isso, nem sequer se podem generalizar as razões da presença das pessoas em Fátima, tantas e tão variadas são, quantas as suas consciências. É muito comum ver-se em Fátima gentes de diversos contextos eclesiais e até de alguns que lhes são adversos às perspetivas marianas católico-romanas. Pode pensar-se, portanto, quanto Fátima já se inscreveu no roteiro religioso europeu e assim se afirma como mais uma estação do turismo religioso atual.

Mas, também, deve ter-se em conta os milhares de devotos que ali vão, de todas as classes sociais, em sinceridade de coração, à procura da esperança e da graça que os ajude a superar a insegurança das suas vidas. Na realidade, as pessoas ali, como em outros santuários, buscam algo que lhes amacie a rudeza do sofrimento,

atual ou futuro, o antídoto para o medo de viver nas “coisas” tristes e obscuras da existência. Aliás, este é o elemento que mais caracteriza Fátima, as promessas e o seu caráter sofredor – ir a pé, caminhar de joelhos, ofertar o que de melhor e mais valioso têm.

Ou seja, em Fátima juntam-se mundividências e motivações várias, que não podem ser escamoteadas, que devem ser pensadas e que levantam muitos questionamentos à fé. Basta ter em conta o que Jesus Cristo nos diz na Sagrada Escritura sobre o sacrifício (S. Mar 12,33) e o jejum e a oração que agrada a Deus (cf Isaías 58,1-12; Mat 6,6) e, bem assim, para o sofrimento “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso.” (Mat 11,28-29). Ora, se Maria, nas bodas de Canaã, interpela Jesus para as necessidades dos outros, também foi Ela, focada em Jesus, que disse “Fazei tudo o que ele vos disser” (S. João 2,5).

[i] The Anglican-Roman Catholic International Commission (ARCIC) foi criada em 1969 para procurar posições doutrinárias comuns entre a Comunhão Romana e a Comunhão Anglicana.

[ii] António Marujo e Rui Paulo da Cruz, Lisboa, Temas e Debates – Círculo de Leitores, Fev2017

[iii] Hannah Arendt in “A Condição Humana”, Relógio d’Água, 2001, pág 12

“Se és Filho de Deus...”

Quando nos encontramos com alguém pela primeira vez é muito comum, para além do nome, querermos saber o que faz, qual a profissão ou ofício em que se ocupa. Procuramos, assim, num ápice, “definir” quem é a pessoa usando os estereótipos políticos, sociais, culturais e religiosos que temos na cabeça. Recordo-me de num encontro do Conselho Consultivo Anglicano, no princípio dos anos 90, ter sido apresentado como Bispo anglicano e diretor bancário. A partir daí um Bispo sudanês nunca mais me largou a chamar a minha atenção para um projeto de grande impacto social na sua Diocese. Se eu era diretor de um banco tinha as necessárias condições para financiar aquele projeto...

Pois bem, no deserto, para onde foi jejuar, guiado pelo Espírito Santo, Jesus foi tentado por um “personagem” que se baseou num estereótipo, nas versões de S. Mateus 4,1-11 e S. Lucas 4,1-13. Vejamos.

O diabo partiu do princípio de que, sendo Jesus Filho de Deus podia usar o seu infinito poder para: (a) seu próprio bem-estar – “manda que estas pedras se convertam em pão”; (b) impor-se por atos de grandiosidade arrebatadora e mediática, atirando-se do pináculo do Templo a baixo – “porque os anjos te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra”; (c) dominar poderosamente todos os reinos do mundo – “tudo isto te darei”. Ou seja, o diabo considerou que a condição de Filho de Deus continha em si mesma toda a razão para uma atuação milagreira, autoritária e de exercício de poder absoluto. Aconteceu o mesmo, mais tarde, no Calvário, junto à cruz, nos insultos de muitos dos que por lá passavam “salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!” (S. Mat. 27,40). E, como sabemos, Jesus contestou as tentações no deserto usando a Sagrada Escritura, e, na cruz, deixando-os sem resposta, mantendo a sua convicção de “Cordeiro de Deus” que se entregava para a salvação do mundo. Dessa forma, ao contrário de que era a expectativa do diabo e daqueles que O invetivavam por não usar a sua “força” e “autoridade”, expressou a imagem divina do verdadeiro Filho de Deus no caráter de servo a que se submeteu. Tenha-se em conta tanto a alegria de Jesus ao referir que a revelação do Evangelho (a Boa Nova) chegava aos pobres e aos mais pequeninos (S. Luc 10,21), como a humildade a que se devota no lava-pés aos discípulos (S. João 13). Foi assim que S. Paulo o referiu, “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente.

Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até à morte, e morte de cruz!” (Fil. 2,6-8).

Ora, existem duas situações que se me afiguram de igual cariz às das do diabo nas tentações de Jesus.

Uma, quando se pergunta, com manifesta irritação, como é possível que Deus permita esta ou aquela calamidade? Assim se exprime claramente o estereótipo do Deus todo-poderoso que, portanto, do alto da sua força deve intervir para alterar o que provoca tais acidentes e defender as suas vítimas. Nessas ocasiões seria bom que tivéssemos consciência do quanto muitas dessas calamidades são consequência da nossa incúria e desmandos no uso dos bens naturais que Deus colocou à nossa disposição, e, em consequência, no que à nossa medida não fazemos para evitá-los ou corrigi-los.

A outra, no nosso modo de orar e pedir-Lhe o que queremos. Uma nossa irmã dizia-me há tempos que se não vamos a Deus pedir o que precisamos, então, a quem devemos ir? Elevar a Deus o nosso pedido de socorro é compreensível, porque é atitude bem humana e, também, saudável, pois, demonstramos que acreditamos que não estamos sós e dependemos duma relação particular com o Senhor das nossas vidas. Outra coisa, porém, é a tendência de fazermos de Deus o “medicamento” para todas as nossas dores, o “caixa” para todas as nossas dívidas, a “mãozinha” com que queremos resolver todos os nossos problemas. É que ao fazê-lo estamos exatamente a usar a lógica do diabo – se tens todo o poder, então faz-me isto e aquilo. Desta forma, caímos na tentação de por-mos Deus ao nosso serviço, usando-o como o “gênio” da lâmpada de Aladino. É certo que Jesus fez muitos milagres, muitas curas, ressuscitou pessoas e deu de comer a milhares, por compaixão, o que quer dizer que Deus não aprova um mundo sofredor, mas significa também, que temos de assumir a nossa existência humana enfrentando as imperfeições da nossa condição. Como explica o Apóstolo Paulo, “nós gloriamonos também nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança”(Rom 5,3-4). Neste processo de crescimento espiritual percebemos que “Deus é maior do que o nosso coração”, isto é, do que a nossa consciência, desejo e impulsos, “e conhece

tudo” (I João 3,20), o que nos ajuda e fortalece para enfrentar a vida porque Deus é amor. O Apóstolo S. João diz-nos isso com toda a clareza: “Recebemos de Deus tudo o que pedimos porque obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que Lhe agrada. E o que Ele manda é isto: que creiamos no seu Filho, Jesus Cristo, e que nos amemos uns aos outros, como Cristo nos mandou fazer” (I João 3,22-23).

Termino com uma oração.

Se és Filho de Deus...

- aumenta a minha fé e dá-me sede e fome de justiça para que saboreie a água e o pão da vida que de Ti provêm;

- ensina-me a pedir para que receba, não o que a minha humana fragilidade exige para enfrentar os riscos do meu viver, mas o que no Teu amor e misericórdia tens para me oferecer;

- ajuda-me para que Te busque sempre em confiança e adesão ao teu evangelho e sinta que Tu estás comigo, a Tua vara e o Teu cajado me dão alento (salmo 23);

- prepara-me para aceitar a transformação interior que me propões de modo a que aumente a minha visão do Teu amor e Tua presença em mim; e, assim,

- manifesta a Tua ressurreição, viva e atuante, em cada dia do meu viver. Ámen.

+ Fernando Soares, Bispo Emérito

**A RESSURREIÇÃO REPRESENTA A TRANSFIGURAÇÃO
QUE LEVA A NOVAS E DIFERENTES RELAÇÕES.**

**A MORTE NÃO PODE SER ANULADA OU TRIVIALIZADA.
APÓS A SUA MORTE, JESUS PERTENCE A UMA OUTRA REALIDADE.
A VIDA DA RESSURREIÇÃO É O CONSTRUIR DE UMA PONTE PARA ESSA OUTRA
REALIDADE QUE CHAMA A UM NOVO TIPO DE RELAÇÃO.**

**A PÁSCOA É O AMIGO OU O ESTRANGEIRO,
O JARDINEIRO OU QUALQUER OUTRO, QUE CHAMA O
NOSSO NOME E CONFIRMA A NOSSA EXPERIÊNCIA E
ULTRAPASSA O FOSSO PARA ESSA OUTRA REALIDADE, PARA A VIDA
QUE PODE SER DESCOBERTA MESMO NA CRISE MAIS PROFUNDA.**

**(MENSAGEM PASCAL DE JORIS VERCAMMEN,
ARCEBISPO VELHO CATÓLICO DE UTREQUE)**